O OCCIDENTE

Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 395

11 DE DEZEMBRO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Hoje a chronica transborda de assumptos e a unica difficuldade em que nos vêmos é a da escolha d'esses assumptos, porque por mais rapidamente que estejamos resolvidos a tratal-os é claro que muitos d'elles não caberão nas tres columnas do *Occidente* que nos são destinadas.

O primeiro d'esses assumptos não pode deixar de ser, de forma alguma, a chegada do Imperador do Brazil a Lisboa, assumpto que se impõe já por um dever de cortezia, já pela sensação que essa chegada fez na capital, e mesmo no paiz e mesmo na Europa, sensação que lhe deu todas as honras d'um acontecimento importante.

Sua Magestade D. Pedro II, com sua esposa, sua filha, seu genro e seu neto chegaram ao Tejo a bordo do Vapor *Alagoas*, na manhã do dia 7 do corrente.

Já ha dias que esperavam suas magestades em Lisboa muitos correspondentes de jornaes parisienses, entre elles o nosso presado amigo e antigo conhecido o sr. Cardon redactor do *Soleil* e que já aqui estivera por occasião do casamento do Principe Real com a princeza de Orleans, correspondentes de jornaes hespanhoes, inglezes e americanos, e muitos membros dos mais illustres da colonia brazileira em Paris, á frente dos quaes o sr. Barão de Penedo ministro do Brazil junto da republica Franceza, que tinham vindo expressamente aguardar a vinda do Imperador, uns para saudarem o illustre monarcha desthronado, na sua entrada na Europa, outros para *entrevistarem* o ex-imperador, e sua familia e a sua comitiva e enviarem noticias desenvolvidas, *intewieus* interessantes para os seus jornaes.

O Vapor *Alagoas* ancorou no Tejo cêrca das dez horas da manhã e foi logo assaltado por um grande numero de barcos e pequenos vapores conduzindo membros da colonia brazileira, jornalistas e amigos pessoaes do Imperador, que queriam ser dos primeiros a vel-o, a saudal-o, e a beijar-lhe a mão.

O Imperador e a Imperatriz receberam com a sua

CHEGADA AO TEJO DA FAMILIA IMPERIAL BRAZILEIRA

O Vapor «Alagoas»—Desembarque para as Galeotas reaes.

(Desenho de L. Freire)

tradiccional bonbomia e lhanesa todos os seus visitantes, e estavam sincera e justamente commovidos com todas essas manifestações de sympathia e de estima com que Portugal os acolhia ao entrarem no seu exilio.

Ás 11 horas e meia da manhã chegou a bordo do *Alagoas*, n'uma galeota real tripulada por 84 remadores, el-rei D. Carlos, vestindo a farda de almirante, e tendo a tiracolo a gran cruz da ordem da Rosa.

O imperador esperou el-rei ao portaló, abraçou-o affectuosamente, perguntando-lhe com muito interesse por sua mulher e seus filhos; o conde d'Eu abraçou e beijou o rei de Portugal e a imperatriz tambem o abraçou cordealmente demorando-se muito tempo a conversar com Sua Magestade.

El-Rei era acompanhado pelos ministros dos estrangeiros e da marinha, e pelo governador civil de Lisboa.

Feitos os comprimentos El-Rei póz a sua galeota ao serviço dos nossos illustres hospedes, e dando o braço á Imperatriz dirigiu-se para a galeota seguido pelo Imperador, pela condessa d'Eu dando o braço ao sr. ministro dos negocios estrangeiros, conde d'Eu, duque de Saxe.

Quando a galeota seguia para a terra os navios de guerra portugueza salvaram e a marinhagem trepando ás vergas deu os vivas do estylo.

A familia imperial era esperada no Arsenal da Marinha, onde desembarcou, pelo infante D. Affonso, ministros da guerra e fazenda, commandante das guardas municipaes, etc.

Apenas poz pé em terra portugueza, Sua Majestade o Imperador quiz que a sua primeira visita fosse para seu querido e chorado sobrinho, El-Rei D. Luiz, e na companhia de sua esposa, de sua filha, genro e netos, dirigiu-se com o sr. infante D. Affonso para S. Vicente de Fora onde esteve orando junto da urna que encerra os restos mortaes de El-Rei D. Luiz I.

De S. Vicente a familia imperial foi immediatamente ao paço de Belem, visitar as rainhas D. Maria Pia e D. Amelia, sendo só depois d'essas visitas que o imperador e sua familia regressaram ao Hotel de Braganza, onde os esperavam já muitos altos funccionarios portuguezes, escriptores, diplomatas e membros da colonia brazileira, com quem Sua Majestade o Imperador esteve conversando largamente, fazendo mais uma vez prova da sua amabilidade legendaria e da sua prodigiosa memoria conhecendo todos que o esperavam, dirigindo-se a cada um pelo seu nome e fallando-lhe em assumptos da sua especialidade.

O imperador vem excellente: a sua saude, que da ultima vez que esteve na Europa tantos e tão serios cuidados inspirou, robusteceu-se: o seu aspecto physico é magnifico, e o seu estado moral não parece nada affectado com os importantes e rapidos acontecimentos que lhe arrancaram das mãos o sceptro do Imperio Americano, e o atiraram para o exilio.

Sua Magestade evita muito fallar d'esses acontecimentos, allude por vezes com alegria á liberdade de que finalmente gosa de fazer o que quer e de poder ir para onde lhe aprouver, mas não esconde entretanto as saudades que sente do Brazil e dos seus velhos amigos.

A imperatriz mostra eguaes sentimentos: unicamente o que a afflige é a saudade das suas amigas de tantos annos, de quem nem sequer a deixaram despedir-se.

O conde d'Eu é que parece ter acolhido com menos resignada bonhomia os acontecimentos, e nas entrevistas que tem tido com varios jornalistas portuguezes e estrangeiros, não occulta muito o seu resentimento.

O imperador ainda não disse claramente a ninguem quaes os seus projectos ácêrca da sua demora em Lisboa e do paiz que escolherá para assentar definitivamente a sua residencia, entretanto parece que prolongará a sua estada em Lisboa pelo menos por um mez e que d'aqui irá para Cannes onde se deu muito bem.

A familia imperial occupa no Hotel Braganza 16 quartos pelos quaes paga 550$000 réis por dia.

Parece tambem certo que o conde d'Eu irá a Hespanha visitar a rainha regente, durante a estada do imperador em Lisboa

Ao Hotel Braganza tem ido muita gente comprimentar os augustos hospedes e inscrever o nome.

O *Occidente* publica hoje uma gravura representando a chegada do vapor *Alagoas* e o desembarque da familia imperial para as galeotas.

A camara municipal de Lisboa mandou celebrar no dia 2 do corrente exequias solemnes no templo de S. Domingos por alma de El-Rei D. Luiz.

A egreja estava ricamente adornada e as exequias foram extraordinariamente concorridas.

A familia real fez-se representar n'essas exequias, não comparecendo nem El-Rei nem a rainha D. Maria Pia, nem o sr. infante D. Affonso, por incommodo de saude, segundo mandaram dizer á corporação promotora d'essa solemnidade, que teve a magnificencia d'umas exequias reaes.

A oração funebre foi pronunciada pelo illustre orador sagrado portuense o sr. padre Patricio que veio expressamente a Lisboa para esse fim.

O sr. padre Patricio cuja notavel eloquencia é bem conhecida em todo o paiz foi felicissimo n'essa oração, que foi notabilissima e que em breve será publicada.

A parte musical foi executada pela orchestra do theatro de S. Carlos; os solos cantados por alguns dos mais distinctos artistas lyricos d'esse theatro e por alguns dos nossos mais conhecidos amadores de musica, os coros tambem executados por amadores e todos dirigidos pelo distincto amador de musica o sr. Antonio Duarte da Cruz Pinto.

O partido regenerador perdeu n'estes ultimos dias dois illustres soldados, o sr. José Guilherme Pacheco, fallecido na sua casa em Paredes, o circulo por onde vinha ha muitos annos deputado ás côrtes, e o sr. conselheiro Cardoso Avelino, ex-ministro das obras publicas e administrador da Casa de Bragança. Foram duas perdas muito importantes para o seu partido e para o Paiz, pois eram dois homens de bem, de notavel valor e de uma lealdade politica a toda a prova.

Para o logar de administrador da Casa de Bragança vago pela morte do sr. conselheiro Avelino foi nomeado, diz-se, o sr. coronel Sequeira.

A chronica vae já longa e ainda nos faltam muitos assumptos a tratar. Agora é que começamos a sentir deveras o embaraço da escolha.

Em S. Carlos, por exemplo, tivemos n'estes dez dias tres novidades, que para serem novidades em tudo até o foram em ter *successo* uma coisa que esta epocha ainda não tinha havido n'aquelle theatro.

O *Successo* entrou em S. Carlos com a presença da Sr. Eva Tetrazini, a grande artista que o publico aprendeu a admirar tanto no anno passado e que é uma das cantoras de mais notavel talento que tem atravessado o palco de um theatro lyrico.

A Sr. Tetrazini reune a um talento extraordinario uma voz deliciosa, uma completa sciencia de canto, e uma poderosa intuição dramatica.

E' uma artista a valer, uma artista completa em plena posse de todos os variados recursos exigidos hoje n'uma cantora de opera, recursos realçados por um brilhante e não vulgar talento.

Era isto o que fazia falta em S. Carlos, era a ausencia d'uma prima-dona dramatica n'estas condições que motivava a frieza enorme que reinava no theatro, a queda de todas as operas na primeira noite, queda que não conseguiam attenuar os *successos* feitos pelos applausos da numerosa claque nas segundas representações.

O primeiro *succeso* de S. Carlos n'este anno foi o de Tetrazini no *Otello*.

Na explendida opera de Verdi, Tetrazini foi magnifica de talento e de arte, e teve uma ovação colossal.

Brogi n'esta opera foi o mesmo do anno passado, e cantou-a excellentemente com a sua voz de barytono a esforçar-se para ser tenor, deixando muito a desejar na parte dramatica do personagem de Otello. O barytono Menotti teve um successo na parte de Yago, mercê do seu talento de comediante, porquanto como voz é muitissimo inferior o seu Yago ao do Battistini.

O successo do *Otello* abrio o exemplo, e a *Aida* que se lhe seguiu teve tambem distincto exito, não por parte do sr. Ortise e do sr. Collette muito mediocres em toda a opera, mas por parte da sr.ª Pasqua e da sr.ª Bulicioff.

Pasqua foi a mesma Amneris excellente que o publico de Lisboa já conhece e deu ao seu papel o grande relevo dramatico, que tanto enthusiasmo causou nas outras epochas.

A sr.ª Pasqua teve grandes applausos no fim da violenta scena do julgamento, scena em que foi por muitas vezes interrompida com bravos, e o mesmo lhe tinha já acontecido no duetto do 2.º acto com a Aida em que teve phrases magnificas.

A sr.ª Bulicioff foi uma Aida excellente e temos sincero prazer em a poder elogiar sem restricções tanto mais que é a primeira vez que esse prazer nos é dado, desde que ella debutou em S. Carlos.

A *Aida* é o primeiro succeso verdadeiro que a destincta cantora tem em Lisboa, e comprehende-se perfeitamente isso porque a *Aida* é a opera em que mais podem brilhar as suas grandes qualidades de cantora e em que menos se notam os seus defeitos.

As grandes qualidades de cantora que possue a sr.ª Bulicioff é uma voz magnifica d'um timbre formosissimo, e um methodo de canto excellente; os seus defeitos são a absoluta falta de sentimento, de intuição dramatica, de talento de comediante.

A sua voz é lindissima, é encantadora mas é uma voz por assim dizer impessoal.

Não vibra n'ella mais do que um som, não vibra uma alma. O ouvido fica maravilhado ao ouvil-a, mas o coração não sente nada; não nos impressiona, não nos commove! Atravez d'essa voz deliciosa não se advinham as paixões humanas, que constituem a essencia do drama lyrico moderno. É a nota pela nota; a palavra que a acompanha, o ouvido ouve-a, mas o coração nunca a sente.

Ora em todas as operas em que a paixão domine, a sr.ª Bulicioff apezar da sua formosissima voz não conseguirá nunca pôr-se em evidencia. Todas as vezes que fôr necessario estudar um personagem, uma individualidade, um sentimento, uma paixão, a distincta cantora deixará sempre muito a desejar, como deixou na *Africana*, como deixou no *Trovador*. Todas as vezes em que a opera exigir só voz e afinação, a sr.ª Bulicioff hade ter o brilhante *successo* que encontrou na *Aida*, porque voz tem-n'a ella e das mais famosas que temos ouvido e sabe servir-se d'ella com notavel correcção e mestria.

A *Aida* é uma opera que parece não só dispensar na sua protogonista o talento dramatico, mas até exigir que ella não tenha esse talento. Na *Aida* o talento não só não é necessario, mas até parece ser uma qualidade negativa nas suas interpetres.

E senão vejamos.

A Fidés Dèvrries, um dos mais brilhantes e dedicados talentos que tem atravessado a nossa scena, talento que se affirmou no *Fausto* e no *Hamlet*, não teve sucesso algum na *Aida*; a Theadorini a a assombrosa Gioconda, uma das cantoras de mais extraordinario talento que tem vindo a Portugal, teve na *Aida* um *fiasco*, em compensação a sr.ª Cataneo que ha tres annos esteve em S. Carlos teve um brilhante successo na *Aida*, ella que noites antes cahira desastradamente no *Fausto*, e que depois nunca mais soube o que era *successo* em S. Carlos.

A sr.ª Bulicicoff que na *Africana* e no *Trovador* e mesmo no *Roberto* tanto nos deixára a desejar, satisfez-nos plenamente na *Aida*.

Em toda a opera a sua voz famosissima fez maravilhas e encantou-nos positivamente no *duetto* do 1.º acto com o tenor em que teve phrases admiraveis, duetto que foi todo elle cantado deliciosamente por parte da distincta cantora. Lastimamos immenso que o seu companheiro n'esse duetto a não acompanhasse tambem n'esse adverbio.

A caracterisação da sr.ª Bulicioff é que não nos agradou. Aquella malha que lhe veste o busto, os braços e até as mãos, representa não um fato, mas sim a pelle da filha do Amonasro e não se póde comprehender de maneira alguma que a *Aida* tão escura nos braços, nas mãos e no collo tivesse o pescoço e a cara d'uma côr muito differente e muito mais clara, como a sr.ª Bulicioff se apresentou.

Depois da *Aida* a *Giocunda*, um *successo* enorme para a Tetrazini que é maravilhosa n'esta opera, e que em todo o ultimo acto conserva sempre o publico vibrante de comoção e de enthusiasmo.

Pasqua compartilhou do grande exito de Tetrazini no *duo* do 2.º acto, duo que ambas as illustres artistas cantam magistralmente.

O sr. Emilani, o tenor que debutou n'esta opera não agradou nem desagradou, passou em benevola espectativa.

O sr. Menoti não teve um *successo* na parte de Barnaba, mas teve muitos applausos no duetto final em que a Tetrazini é assombrosa e que elle cantou e representou tambem muito notavelmente.

Em D. Maria tivemos duas novidades, uma orchestra de damas Viennenses, que agradou e uma comedia allemã em 4 actos o *Bibliothecario* que não vimos ainda; mas que tem sido muito aggredida pela critica, que aliás confessa ter sido muito com ella, o que em todo o caso já não é muito desagradavel para uma comedia.

E temos ainda peça nova no Principe Real, e no Gymnasio; e livros novos, e os preparativos para as festas da acclamação e muitas mais coisas de que não podemos fallar, porque o espaço nos falta absolutamente e que reservamos para a proxima chronica, se Deus quizer, e os assumptos que d'aqui até lá se derem o permittirem.

Gervasio Lobato

AS NOSSAS GRAVURAS

A FAMILIA IMPERIAL

É bem conhecida a biographia de D. Pedro II, o imperador que o Brazil acaba de desthronar, a sua physionomia original, sympathica e caracteristica é igualmente de todos bem conhecida e isso dispensa-nos d'um longo artigo a acompanhar o retrato que hoje damos do illustre soberano, do augusto velho que Lisboa recebeu agora, que elle veio desthronado, caminho do exilio, com a mesma sympathia respeitosa, com a mesma estima e consideração com que o acolhia quando elle vinha visitar-nos como soberano chefe do vastissimo imperio do Brazil.

E esse acolhimento amabilissimo feito hoje á familia imperial, que a revolução pacifica expulsou do seu throno e do seu paiz, prova tanto em favor do povo, que assim recebe o monarcha na desgraça, como em favor d'esse monarcha que soube fazer-se estimar e querer, não pela sua elevada jerarchia, não pelo eminente logar que occupava na scena do mundo, mas unicamente pelas suas eminentes qualidades pessoaes, pelos seus elevados dotes de espirito e de coração.

O IMPERADOR D. PEDRO

irmão da nossa rainha D. Maria II, filho do imperador D. Pedro I do Brazil, o rei D. Pedro IV de Portugal, e da archiduqueza Leopoldina, nasceu no Rio de Janeiro a 2 de dezembro de 1825, tendo portanto completado ha 9 dias 64 annos de edade.

Desde a edade de seis annos que D. Pedro II era imperador do Brazil, em virtude da abdicação que em seu favor fez seu pae D. Pedro IV em 7 de abril de 1831, isto é, o imperador hoje deposto, tem 58 annos de reinado, uma cifra rara na historia de todos os monarchas do mundo.

O nome todo do imperador é Pedro João Carlos Leopoldo Bebiano Francisco Xavier de Paula Leocadio Miguel Raphael Gonzaga de Alcantara, e subiu ao throno tendo por tutor o chefe do partido democratico brazileiro Bonifacio José de Andrade e Silva.

Os primeiros annos do reinado do imperador infante foram muito agitados por luctas politicas, luctas que obrigaram a demittir-se e a fugir do paço o seu tutor, encarregando-se o conselho da regencia da sua tutela, tutela que durou até 22 de julho de 1840 em que apenas com quinze annos de edade D. Pedro II foi declarado maior.

Em julho de 1841 D. Pedro foi coroado imperador, e a sua alta capacidade, a sua moderação nos processos governativos conquistaram-lhe em breve todas as sympathias como soberano, ao mesmo tempo que a lhaneza e simplicidade do seu trato, as suas virtudes domesticas, as poderosas qualidades do seu caracter e da sua intelligencia lhe captaram toda a estima e consideração como homem.

Durante o seu longo reinado D. Pedro II sem fazer governo pessoal, nunca deixou de intervir nos negocios do estado, apostolando sempre tudo que julgava ser um bem para o seu paiz, que elle amava e ama tanto.

Pode ter errado algumas vezes, mas se errou foi sempre de boa fé e julgando ser util á sua adorada terra natal, ao seu querido povo a quem elle queria e que lhe pagava na mesma moeda, porque o imperador foi sempre e ainda hoje era muito popular no Brazil e a demonstração evidente d'essa popularidade, que contrastava com a impopularidade do seu genro, está nas precauções com que o governo da Republica cercou a sua sahida do Rio de Janeiro a precepitação e a rapidez com que o obrigou a sahir do imperio, altas horas da noite, positivamente ás escondidas, precauções que não se explicam senão pelo medo que o governo nascente tinha das sympathias pessoaes de que o imperador gosava na população do Brazil.

E essas sympathias são tão geralmente conhecidas que quando chegaram á Europa as primeiras noticias da trasformação politica porque passára o Brazil, disse-se, e houve muito pouco quem acreditasse, que o partido avançado tinha abolido a monarchia e proclamado a republica escolhendo para seu presidente o proprio imperador.

O boato era perfeitamente falso, mas não se inventava com certeza se não se soubesse a popularidade e a estima de que o Imperador gosava no Brazil.

Fazer a biographia politica de D. Pedro II, seria o mesmo que escrever a historia do Brazil em mais de metade do seculo XIX. E' claro que nem por sombras pensamos n'isso, nem é nosso intuito aqui o fazer senão uma rapida noticia para acompanhar o retrato do Imperador e os de quasi toda a sua familia.

D. Pedro II casou em 1872 com a filha do rei das Duas Sicilias, Francisco I, D. Thereza Christina Maria,

A IMPERATRIZ

Não tem biographia essa santa e nobre senhora.

A companheira querida de D. Pedro II tem passado toda a sua vida a fazer o bem, sempre alheia á politica e aos negocios do Estado, pensando só em consolar miserias, em matar muita fome, em enxugar muitas lagrimas com o seu grande e nobilissimo coração de rainha é de mulher.

E mesmo hoje no exilio, a santa imperatriz não lamenta o fausto, a grandeza imperial perdida, só se lembra, só tem saudades dos pobres a quem soccorria, só treme por elles ao pensar na falta que lhes póde fazer a sua ausencia.

D. Pedro II teve do seu casamento com a imperatriz quatro filhos, dois varões que morreram pouco depois de nascerem, e duas meninas, uma D. Leopoldina, que casou com o duque de Saxe. e falleceu já ha annos, e outra, a mais velha, a sr.ª

CONDESSA D'EU

D. Isabel Christina, a princeza imperial, que devia ser a herdeira do throno do Brazil e que nasceu em 2 de julho de 1846.

D. Isabel Christina é uma senhora muito intelligente, muito illustrada e muito bondosa. Relegiosa em extremo, passava por ser muito affecta ao partido-clerical, o que lhe alienou muitas sympathias em todo o Brazil.

Em 15 d'outubro de 1864 a princeza imperial casou com o

CONDE D'EU

um principe da casa de Orleans, filho do duque de Nemours.

O conde de Eu é um homem novo ainda, muito intelligente, muito economico, mas que apezar d'estas qualidades ou talvez mesmo por alguma d'ellas, nunca conseguiu granjear grandes sympathias entre a população do Imperio, que um dia deveria caber em herança a sua esposa, mas que a sorte não quiz que coubesse.

Os condes de Eu teem tido tres filhos, D. Pedro d'Alcantara, que tem hoje 24 annos, Luiz Maria Filippe, que tem 21 annos e Antonio Gastão Francisco, o mais novo que nasceu em Paris.

A outra filha do Imperador a princeza D. Leopoldina, já fallecida, e de que já fallámos casou com o duque de Saxe e d'esse casamento deixou dois filhos dos quaes um o

PRINCIPE D. PEDRO DE SAXE

é o neto querido do imperador, o seu companheiro quasi permanente, o seu ai! Jesus!

E não é só do Imperador que o Pincipe D. Pedro, cujo retrato damos tambem hoje, pois tambem acompanha seus avós a Lisboa, é querido; é da familia imperial a pessoa mais querida no Brazil depois de D. Pedro II e quando se falla na possiblidade d'uma restauração é o nome do principe D. Pedro o citado.

O principe muito novo ainda é um rapaz sympathico, distincto, muito illustrado, muito estudioso, e já um engenheiro notavel.

E eis aqui n'uma rapida noticia os breves apontamentos biographicos e pessoaes dos illustres hospedes que Lisboa tem ha dias em seu seio e de quem publicâmos hoje os retratos.

O PALACIO IMPERIAL DE PETROPOLIS

A gravura de pag.ª 280 representa o palacio de Petropolis, uma formosa habitação situada n'um fresco valle, e onde a familia imperial brazileira vivia a maior parte do tempo, apesar de ser uma residencia de verão.

Petropolis é para assim dizer, a Cintra do Rio de Janeiro, d'onde dista apenas tres horas de caminho de ferro. Uma pequena villa, de um clima muito fresco, onde não chegam nunca os grandes calores tropicaes, nem as epidemias de febre amarella que assola a capital mais ou menos todos os annos na estação mais calmosa.

Esta circumstancia faz de Petropolis um bom refugio, e ali grande parte das familias abastadas tem suas vivendas para passarem o verão.

É em Petropolis que a colonisação é quasi toda allemã, por ser este o clima em que vive melhor.

Foi no palacio de Petropolis que o governo provisorio da republica brazileira fez a intimação ao imperador D. Pedro II da sua deposição do throno, declarando-lhe que a nação acabava de proclamar a republica.

GARIBALDI

(Continuado do n.º 394)

A exoneração de Garibaldi causou não só na Italia mas em toda a Europa uma dolorosa sensação e por um momento receiou-se que a liga se dissolvesse, porém Garibaldi valeu-se da auctoridade moral que tinha sobre o exercito para evitar que os officiaes pedissem a demissão em seguida á publicação do decreto que o exonerara.

Os mesmos soldados manifestaram o seu descontentamento com a saida do seu chefe, porém este tomou taes medidas que evitou novas manifestações que poderiam ser fataes á disciplina.

A sua recepção em Nice foi surprehendente e commevedora, offerecendo-lhe por essa occasião a sociedade typographica uma corôa de louro com o laço tricolor.

De Nice Garibaldi foi a Genova onde a calumnia achou ensejo de o ferir novamente supponđo-o auctor de uma conferencia com a imperatriz da Russia, na qual o ex-general fôra compellido, pelo interesse, a acceitar a missão de favorecer o imperador Alexandre no seu empenho de pretendente ao throno da Italia Central.

Foi Garibaldi o promotor da grande subscripção nacional para o milhão de espingardas afim de organisar os corpos de voluntarios.

«Se com um milhão de espingardas, escrevia elle n'uma proclamação ao povo da capital do Piemonte, datada de Turim de 4 de janeiro de 1860, a Italia em presença do estrangeiro, não estivesse em estado de armar um milhão de soldados, força seria então desesperar da humanidade. Arme-se a Italia e será livre.»

Na primavera de 1860 Garibaldi protestou energicamente contra a annexação á França, da Saboya e principalmente de Nice sua terra natal.

Todas as cidades pensaram então em offerecer a Garibaldi o direito de naturalisação mas foi Brescia a que teve a iniciativa.

«Sim, respondeu Garibaldi, acceito com gratidão o titulo de cidadão que me offerece essa cara cidade. Italiano e Niceno, permitta-me Brescia só que não renegue nunca o meu berço e o tumulo de minha mãe.»

Esta carta era datada de Caprera para onde o illustre patriota se retirara apoz as contrariedades successivas que o tinham ferido.

Ali retomou a esteva do arado e dedicou-se exclusivamente á educação de seus filhos, e só quando uma revolta sublevou as duas Sicilias contra os napolitanos é que de novo vemos Garibaldi pôr-se á frente da organisação d'um corpo expedicionario destinado a conquistar mais esses importantes territorios para a corôa de Victor Manuel.

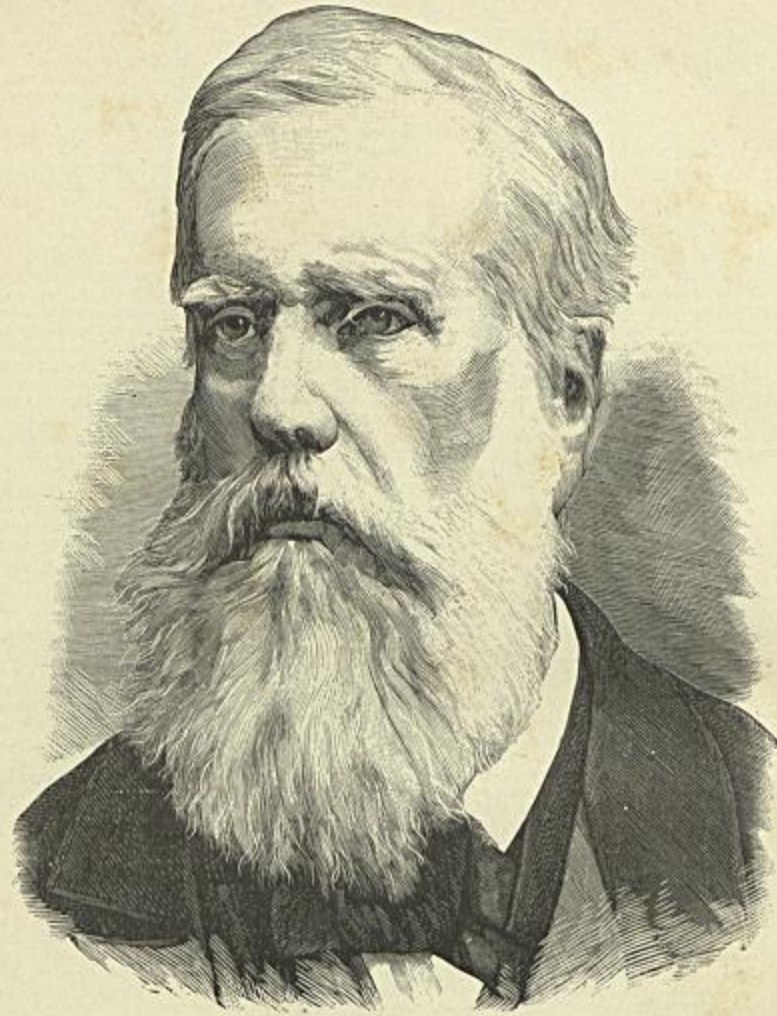
*
* *

O embarque da expedição sob o commando de Garibaldi foi feito em dois navios da Sociedade transatlantica o *Piemonte* e o *Lombardo*. Era composta de pouco mais de mil homens entre os quaes se citavam nomes de patriotas illustres taes como Nina, Bixio, Coseny, o ex-padre Sertori, Medici, Malenchini, Türr, etc.

Desembarcou em Marsala a 12 de maio e tomou Palermo a 27 do mesmo mez, achando-se já nos principios de julho de posse de toda a Sicilia, á excepção de Messine, que a 21 de julho lhe proporcionou o combate de Milazzo onde é vencido o general Bosco, apesar da sua heroica resistencia.

No meio de continuos embaraços internos e de successivas mudanças ministeriaes, bem como de difficeis relações diplomaticas tanto com o Piemonte como com as differentes potencias européas, Garibaldi, a quem fôra dado o titulo de dictador da Sicilia, serviu-se das funcções que lhe conferira tão elevado cargo para organisar uma outra expedição ás provincias lemitrophes da Sicilia. O desembarque soffreu simplesmente uma fraca resistencia.

O paiz, o exercito e todos os ramos de administração publica sentiram o benefico impulso da dictadura illustrada do notavel general.

A FAMILIA IMPERIAL BRAZILEIRA

O IMPERADOR D. PEDRO II

A IMPERATRIZ D. THEREZA CHRISTINA MARIA

A PRINCEZA D. IZABEL

O PRINCIPE D. P[illegible]DRO DE SAXE

O CONDE DE EU

A entrada de Garibaldi em Napoles feita a 7 de setembro foi celebrada como um acontecimento esperado ha muito e olhada como um acto perfeitamente regular e a expedição recebida fraternalmente.

Em Volturne Garibaldi soffreu maior resistencia, porém a intervenção do exercito de Piemonte decidiu a tomada de Capoue e a derrota quasi total do exercito austriaco.

Garibaldi uma vez dictador da Italia Meridional tinha que luctar com difficuldades de toda a especie.

O partido radical, ou o partido de acção representado por Mazini, Chrispi e outros eram de opinião que Garibaldi terminasse a unificação da Italia, atacando immediatamente Roma e marchando sobre Veneza, emquanto que o partido piemontez queria a annexação das duas Sicilias ao reino de Victor Manuel; afinal foi este ultimo que obteve o apoio do parlamento de Turim e Garibaldi publica a 21 de outubro o decreto que enféuda as duas Sicilias ao reino de Italia sob o sceptro de Victor Manuel.

Pouco depois Garibaldi, promovido a general do exercito, em seguida a este acto de generosidade, porque lhe foi offerecido o throno das duas Sicilias e elle não acceitou, renunciava momentaneamente a qualquer papel politico e retirava-se a Caprera.

As instancias dos partidos avançados obrigaram-n'o a acceitar em janeiro de 1861 a presidencia geral dos *comités* organisados com o fim de libertarem Roma e Veneza do jugo estrangeiro e a promoverem a sua encorporação na coroa de Italia.

Todos os actos de Garibaldi eram seguidos com anciedade pela opinião publica e as suas palavras discutidas e commentadas pela imprensa europea.

A agitação em favor da Polonia iniciada por elle e as phrases que lhe attribuiram de hostilidade contra a França e contra a Austria: «O estrangeiro deve ser expulso de Italia. Roma é nossa e portanto ou ella ou a morte!» causaram verdadeiro receio aos que estavam á frente do governo.

Sendo da opinião de que Roma devia ser reunida á coroa italiana e não querendo transigir, nem com os conselhos de uns nem com as ameaças de outros, intentou contra ella uma expedição em agosto de 1862, que foi curta e infeliz.

Conseguindo entrar em Catane com os seus voluntarios foi repellido pelos proprios habitantes, batido em Reggio por Cialdine, e por Pallavicini em Aspromonte, onde foi ferido gravemente n'um pé e obrigado a entregar-se com toda a gente do seu commando.

Transportado a Spezzia com seu filho Menotti esteve ali gravemente enfermo, em risco de soffrer a amputação do pé por se lhe terem aggravado os ferimentos, sendo salvo afinal pelo dr. Neslaton, de Paris, voltando ainda a Caprera antes do fim do anno.

Victor Manuel offereceu-lhe a amnistia mas Garibaldi recusou-a dizendo que não precisava perdão quem não era culpado.

Nenhum facto importante assignalou nos dois annos seguintes a vida de Garibaldi até á sua viagem a Inglaterra em abril de 1864, que foi para elle um successo ineterrupto de manifestações de sympathia e de verdadeiro triumpho.

* * *

Deputado por Napoles ao parlamento italiano proferiu um discurso importantissimo de grande alcance politico, no qual combateu a cedencia de Nice á França.

Em junho de 1864 Garibaldi foi nomeado grão mestre da maçonaria italiana e tomou parte activa nos acontecimentos de 1866.

Em 11 de maio d'este anno é nomeado commandante dos voluntarios que um decreto recente tinha mandado organisar. Depois de ter desembarcado em Genova e estabelecido em Como o seu quartel general, foi novamente ferido no combate com os austriacos de 7 de julho em Monte Suello, sobre o lago de Garde e batido totalmente no Tyrol de 21 a 25 do mesmo mez.

O anno de 1867 foi ainda mais funesto para o illustre caudilho.

Desejando tornar decisivo o complemento da unidade italiana contra a doutrina expressa nos tratados com a França, que obrigava o governo de Victor Manuel a respeitar a independencia dos estados pontificios, preparou abertamente uma tentativa contra Roma de que resultou ser preso em Asinalunga por ordem do ministerio Ratazzi, em fins de setembro de 1867 e conduzido a Caprera dentro d'um navio de guerra com sentinella á vista.

Conseguindo evadir-se passou a Florença onde intentou sublevar a multidão contra o governo, e em Ombrie fez distribuir uma proclamação violenta contra a França.

Obtendo Garibaldi em Monte Redondo a submissão das tropas do papa, marchou a 26 de outubro sobre Roma, porem em Mentana é completamente destroçado a 4 de novembro pelas tropas pontificias, reforçadas por um corpo expedicionario francez, exito devido segundo, o testemunho do general Failly, á superioridade das espingardas Chassepot.

N'essa mesma noite Garibaldi é detido em Figline e conduzido ao forte Varignano, proximo de Spezzia. Caindo doente foi mandado para Caprera pelo ministerio Menabrea em fins de novembro.

Em outubro do anno seguinte deu a sua demissão de membro do parlamento italiano, manifestando em diversas cartas que viram a publicidade, estar de accordo com as ideas republicanas, tornando-se strenuo defensor da sua popaganda de mãos dadas com Victor Hugo e Mazzini.

(Continúa).

Julio Rocha.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XIX

—E agora? disse-lhe sua irmã finda a leitura da carta do visconde.

— Agora o que?

— Creio que a tua situação está bem definida.

— Está, está bem definida de mais, até.

— Parece-me que se até agora podias ter hesitações sobre o procedimento a seguir, essas hesitações deixaram completamente de existir.

— Não sei porque! respondeu o Quim muito desembaraçadamente, como um homem que n'um abrir e fechar d'olhos tivesse estudado a questão.

— Não sabes porque? perguntou-lhe a Emilinhas muito surprehendida com essa sahida perfeitamente inesperada.

— Decerto, não sei porque hei de deixar de ter agora as hesitações que tinha ha bocado.

— Então essa carta...

— Esta carta não põe nem tira nada á questão.

— Ora essa!

— A questão continua a estar no mesmo pé.

— Pois então o visconde, o teu amigo, o teu protector, o director da tua companhia de seguros..

— Isso mesmo. Eu pergunto o que tem a companhia de seguros com os meus negocios particulares.

— A companhia faz-se solidaria comtigo nas offensas a ti dirigidas, é uma honra para ti!

— Muito obrigado, mas eu dispenso perfeitamente essa honra. A companhia de seguros não tem nada que vêr com os duellos que eu recuso, com os insultos que me fazem...

— Perdão, lá isso tem.

— Tem porque?

— Pela santa solidariedade que rege todas as corporações de homens de bem, respondeu com grande emphase a Emilinhas.

— Vamos lá a saber, qual foi a origem d'esta questão?

— Eu sei lá! Ella está já tão complicada que nem já me lembro assim de prompto como foi que principiou.

— Lembro-me eu. A origem d'esta pendencia foi o beijo que eu dei na mulher do Leitão, ás escuras, pensando que o dava na Alicesinha.

— É verdade, foi isso mesmo.

— Muito bem. Quem deu o beijo na mulher do Leitão, fui eu ou foi a companhia de seguros?

— Foste tu.

— Fui eu. A companhia de seguros não metteu para ali prego nem estopa, não é assim?

— Está bem de ver que não.

— O Dominguinhos fazendo-se espadachim, imaginando que eu era tambem menino do Lyceu e vindo desafiar-me a quem desafiou, a mim ou á companhia de seguros?

— A ti, é claro.

— Muito bem. Se eu me batesse e elle desse cabo de mim n'esse duello, quem esticava o pernil era eu ou a companhia de seguros?

— Eras tu.

— Exactamente: portanto se quem deu o beijo fui eu, se quem recusou o duello fui eu, se quem morria era eu, faz favor de me dizeres o que tem a companhia de seguros com isso e com que direito vem metter-se n'um negocio em que não é chamada, com que não tem inteiramente nada, nem emquanto ás suas causas nem emquanto aos seus resultados?

— Com o direito do sacrosanto principio da solidariedade que rege as collectividades bem organisadas.

— Ora adeus! Eu principio por não perceber esse principio, disse o Quim desdenhosamente, mettendo as mãos nos bolsos e passeando pela casa.

— Pois tem pouco que perceber.

— Não me parece.

— Ouve. Um navio portuguez vae vogando pelo alto mar, começou a exemplificar a Emilinhas.

O Quim olhou-a com uns olhos muito espantados imaginando que ella tinha endoudecido.

— Um navio? perguntou elle sem perceber nada.

— Sim, um navio!

— Mas o que tenho eu com os navios que andam no alto mar?

— Ouve e calla-te. Esse navio leva no alto dos seus mastros a bandeira portugueza, o pendão das quinas. No mar alto esse navio encontra outro navio que lhe faz uma desfeita á sua bandeira. O que acontece depois?

— Eu sei lá o que acontece depois? Não sei nem me importa saber o que acontece depois, porque mesmo não tenho nada com isso.

— Pois eu te digo o que acontece. Portugal que não teve nada com essa offensa, que não metteu para ahi nem prego nem estopa, e que estava muito bem descançado em sua casa, emquanto a sua bandeira andava lá por fóra em bolandas, apenas sabe da offensa que a essa bandeira foi feita, ergue-se como um só homem, arma-se e vae exigir satisfação d'esse ultrage dirigido á bandeira e vae derramar o seu sangue para com elle lavar a nodoa que n'essa bandeira foi lançada.

— Tudo isso será assim, mas o caso muda muito de figura.

— Não muda tal.

— Lá isso muda! em primeiro lugar, eu na companhia de seguros sou fiel, não sou bandeira nem pendão.

— Sim, mas a companhia julga-se offendida no seu fiel como o paiz no seu estandarte.

— Então n'esse caso a companhia que se arme, como se arma o paiz, e que vá desancar o Dominguinhos e o major Rodrigues, que trate de lavar com o seu sangue a minha nodoa, e não queira que a nodoa se lave a si mesmo.

— E's um pateta! tudo isso prova-me apenas uma coisa — é que ignoras absolutamente o que é o principio da solidariedade.

— Não ignoro tal, vejo já o que é, é um principio para uma pessoa caminhar mais depressa para o fim.

— Mas em summa o que queres tu fazer?

— O mesmo que queria, respondeu o Quim mas que não faço, porque essa historia de querer é poder é uma patranha inventada por quem tem muito dinheiro.

— O quê! ires para o estrangeiro!

— Era o mais limpo, mas os meus teres não me permittem essa limpeza...

— E então?

— Então estou ainda mais indeciso e mais embaraçado depois de receber esta maldita carta. E dizias tu que depois d'ella já não tinha que ter hesitações!.. Tenho muitas mais ainda.

— Olha pois a carta é bem clara!

— Sim, é por isso mesmo que eu estou bem ás escuras.

— O Visconde diz que te desafrontes em teu nome, em nome d'elle e em nome da companhia de seguros.

— Era muito melhor e muito mais cavalheiroso que elle e a companhia de seguros me desafrontassem em seu nome.

— Não sei se era melhor ou se era peior, o que sei é que não é isso e que tu tens que te desaffrontares das injurias recebidas...

— Isto é, de ir fatalmente para o outro mundo porque é absolutamente impossivel por mais sorte que eu tenha vencer todos os meus adversarios... Se fossem um ou dois!.. Mas são uma sucia d'elles.

— Tens que fazer isso, ou então, elle lá t'o diz bem claramente na carta, tens que te considerares despedido da companhia de seguros e proccurares outro modo de vida.

— Que modo de vida hade ser agora na minha idade!

— Nenhum, bem sei, e por isso tens que te resignares a morrer de fome...

— Ou a morrer d'um tiro! Que bonita prespectiva! hein! exclamou angustiado, succumbido o Quim.

— Quem boa cama faz n'ella se deita, tu é que a fizeste.

— Eu fiz la cama nenhuma! protestou o Quim muito aborrecido.

— Fizeste sim, a cama fizeste-a tu mas o peior é que quem se deita n'ella não és só tu, sou tambem eu...

O Quim calou-se vendo que sua irmã tinha razão e que a despedida da companhia dos seguros equivalia a entrar no restaurante da Desgraça, bater as palmas, e encommendar á adversidade Miseria para dois.

— Ficamos sem ter que comer, e tu ficas deshonrado, pensa bem! continuou a Emilinhas. Ora quando se fica deshonrado e se fica rico, todos nos apertam a mão, em toda a parte se é recebido; mas quando se fica deshonrado e se fica pobre, todos nos voltam as costas!

O Quim ficou um longo momento profundamente abatido, meditando na enorme verdade social que sua irmã acabava de dizer e por fim, como que tomando uma resolução heroica, ergue-se e exclama com voz firme e o rosto illuminado por uma aureola de heroicidade.

— Está resolvido. Vou-me desafrontar!

— Bravo! applaudiu a Emilinhas. Bravo, mano! Despertaste emfim.

— Dá cá o chapeu e a bengala.

A Emilinhas deu-lh'o.

— Que Deus me proteja! disse o Quim pondo o chapeo na cabeça, empunhando a badine.

E sahiu resoluto e heroico pela porta fóra.

(Continúa). *Gervasio Lobato.*

NOVIDADES DA SCIENCIA

Phenomenos electricos produzidos pelas radiações solares.—Depois de numerosas observações feitas de maio de 1885 a julho de 1889, M. Alberto Nodon poude estabelecer que as radiações solares são a causa de certos phenomenos electricos, cujo estudo se resume nas leis seguintes;

1.º As radiações solares, encontrando um conductor isolado (metal ou carvão) communicam a esse conductor uma carga electrica positiva.

2.º A grandesa d'essa carga augmenta com a intensidade das radiações solares e decresce com o estudo hygrometrico do ar. O phenomeno attinge em Paris o seu valor maximo no verão a uma hora da tarde quando a atmosphera está pura e secca.

3.º A passagem das nuvens ante o sol faz cesser o phenomeno.

As experiencias de M. Nodon foram feitas pelo laboratorio dos trabalhos physico-chimicos de Sorbonne e pelo laboratorio de M. Mascort no Collegio de França.

Desinfecção dos canos de esgoto por meio da electricidade.—Ensaios muito satisfactorios acabam de ter lugar em Rouen.

O processo empregado, devido a M. Hermite, não constitue senão uma variante do seu processo electrolytico de embranqueamento, do qual já fallámos n'esta secção noticiosa.

No caso do embranqueamento M. Hermit submette á acção da corrente electrica uma solução de chloreto de magnesia cujos productos de composição são dotados d'um poder oxydante muito energico.

O mesmo electrolyto poderá ser empregado para desinfecção das aguas putridas, impregnadas de ammoniaco, uréa, etc. mas em razão do preço elevado do chloreto de magnesium, em Rouen servem-se do chloreto de sodio (sal marinho). E, visto que este processo de limpeza e desinfecção precisa de um chloreto onde melhor se pode elle achar que n'uma cidade que tem um bom porto de mar como Rouen, Lisboa, etc.?

N'este caso para a limpeza das ruas e das sargetas a agua potavel ordinariamente empregada será substituida pela agua do mar que terá sido passada préviamente nos electrolysores e deixando correr essa agua sobre as sargetas e pelos rigueiros das ruas limpará a atmosphera ao mesmo tempo que os canos de esgoto, que já não poderão infectar o porto.

Para obter este resultado bastará ter uma officina contendo simplesmente o material motriz, os dynamos e uma bateria electrolisôra.

Quando as cidades não estão situadas perto do mar o processo não apresenta as mesmas vantagens sendo então preciso juntar á agua o chloreto.

Valia a pena ensaiar este processo entre nós.

As experiencias feitas em Rouen produziram o melhor resultado empregando-se um apparelho *Phenix* da construcção de M. Cooper seguido diz o *Bulletin International de Electricité*.

Fabricação de barris para cerveja feitos de papel. — Os americanos estão fabricando hoje pipas para cerveja, feitas de papel pisado e amassado. Sabe-se que os americanos já se tem servido d'essa materia para a fabricação de rodas de wagons caixilhos de carruagens, etc.

Os objectos assim fabricados são leves, solidos e faceis a manejar. Emprega-se egualmente com bons resultados a massa de papel no fabrico de azulejos.

Agora começa a adoptar-se o mesmo fabrico nas cervejarias para guardar grandes quantidades de cerveja. Se o ensaio corresponder ás esperiencias provocará uma verdadeira revolução n'esta industria.

Um fabricante de New-York tirou patente de invenção para um processo de fabricação de toneis para cerveja feitos de massa de papel que em nada cedem aos de madeira de carvalho. Para a fabricação da massa elle emprega uma erva muito fibrosa não utilisada até aqui que cresce em grande quantidade em Jersey e New-York.

Outro inventor engendrou uma machina que, dirigida por duas pessoas, produz diariamente 600 barris. Estes, depois de sahidos da fôrma, são endurecidos por meio de um processo especial com um verniz antiseptico que, quando secco toma a apparencia de porcelana. Os barris são por consequencia muito faceis de limpar e não apodrecem tão facilmente como os empregados até aqui.

A experiencia demonstra como elles supportam o rude manejo a que de ordinario são sugeitos os barris das cervejarias.

Esta innovação vae brevemente espalhar-se por todos os paizes da Europa e já se está experimentando para o transporte do petroleo. Custam mais barato e são mais faceis a limpar e a transportar que os de madeira.

Novo preparo das pedras e placas de zinco para a lithographia. — Um allemão acaba de inventar um meio de preparar as pedras lithographicas e as placas de zinco sem as esfarellar. Esse processo applica-se ás pedras que não sejam muito susceptiveis e sejam assas rijas e contenham pouca cal.

Lava-se a pedra ou a placa com benzina, ou outro liquido similar, afim de lhe tirar todas as sugidades e o negro. Cobre-se em seguida d'um acido deluido-muriato ou sulfurico, por exemplo, que tem por fim apagar o desenho. Mas isto ainda não é bastante porque não a torna perfeitamente limpa para receber outro desenho.

Afim de se obter esse resultado sem adelgaçar a pedra deita-se-lhe uma forte solução de chloreto de magnesia deluido em 5 ou 10 p. c. de agua. Esta mistura não deve ficar sobre a pedra senão durante 5 ou 20 minutos e sobre o zinco um ou dois dias.

Esfrega-se depois o chloreto de magnesia com pedra pomes e limpa-se perfeitamente. Depois d'esta operação não sómente essa superficie poderá receber os carbonatos de magnesia, mas ainda combinar-se com elles. Cobre-se então com um preparado d'agua e de carbonato de magnesia que serve ainda a esfregal-a até que este se combine com ella.

Para as placas de zinco o preparo differe um tanto. Uma vez que ellas estejam preparadas por meio de chloreto de magnesia e de agua são submettidas ao carbonato de magnesia; impregnam-se d'uma dissolução de chloreto de zinco e de carbonato que lhes permitte o combinarem-se com esta ultima.

Assim preparadas podem servir para novos desenhos sem ficarem deterioradas.

Transporte de peixes vivos da Hollanda para Vienna. — Fez-se recentemente um ensaio para se transportarem de Hollanda para a Allemanha do sul carregações completas de peixes vivos em navios preparados expressamente para esse fim.

Estes interessantes transportes fazem-se actualmente de uma maneira regular.

Conta a *Gazeta de Francfort*, que uma embarcação, especialmente appropriada para esse effeito, e rebocada por um pequeno navio, fez, n'estes ultimos dias, a travessia do baixo Rheno.

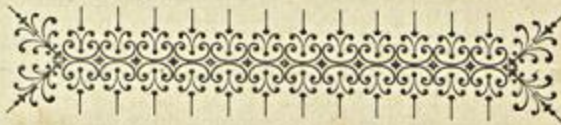
A carga compunha-se de 4:000 a 4:500 kilogrammas de peixes vivos do Zuiderzée com destino a Vienna.

A transversia fez-se por Mayence, Francfort' Wurzbourg, Ludwigs-canal e pelo Danubio até á capital da Austria.

O barco em questão é por assim dizer, mais um batel do que um navio propriamente dito. Ao centro, nas paredes da parte superior da quilha, tem umas aberturas em forma gradeada por onde os peixes recebem constantemente a agua das correntes.

Os grandes transportes de peixes vivos, sobre o Rheno não constituem precisamente uma innovação, porque já se haviam effectuado anteriormente até Colonia, comtudo, n'essa epoca não se julgava possivel expedir grandes quantidades de peixes vivos a distancias tão longiquas.

Este resultado obteve-se graças ao reboque feito pelo vapor rapido sobre o Rheno e o Mein.

S. P.

REVISTA POLITICA

N'este momento um côro de louvores cérca o governo por todos os lados que nem um menino nas mãos das bruxas, e todos estes louvores porque elle cumpriu o seu dever, defendendo os direitos de Portugal contra as pretenções da Inglaterra aos nossos dominios africanos.

Nós sentimo-nos tambem satisfeitos pela maneira como o governo portuguez respondeu á nota do marquez de Salisbury, ministro do governo inglez, e seria preciso uma grande ignorancia para que essa nota não fosse cathegoricamente respondida por quem tem toda a razão e todo o direito por sua parte.

Donde, pois, este côro de louvores a quem cumpriu um dever? Parece que é porque não é normal o cumprimento de deveres na publica governação, e que todas as censuras que, quotidianamente por ahi apparecem ao governo, não são meras tricas politicas para o desconceituarem na opinião publica.

Bem sabemos que em presença de uma questão internacional, é posta de lado a politica partidaria para se dar toda a força ao governo, mas não vae ainda muito longe, que em eguaes circumstancias se não procedeu do mesmo modo, estando no poder um governo regenerador e na opposição o partido do actual governo.

E entanto o governo regenerador tambem defendeu honrosamente Portugal das pretenções da Inglaterra na questão de Lourenço Marques, luctando com a guerra que lhe movia a opposição.

Ora quem segue imparcialmente a marcha da politica portugueza dos tempos modernos, não póde deixar de attentar n'estes factos tão significativos que ella lhe apresenta, e que põe em relevo quaes são os que mais se deixam cegar pela ambição do poder, não exitando diante de quaes quer meios que possam pôr o governo em difficuldades e desprestigial-o mesmo em face d'um inimigo estrangeiro.

N'isto, francamente, só tem que se louvar o partido regenerador, que nunca se esquece de que é portuguez antes de ser politico, e no modo como agora se pôz ao lado do governo mais uma vez provou o seu patriotismo.

Os argumentos apresentados pelo sr. ministro dos estrangeiros em resposta ao governo inglez, são irresponđiveis pela força do direito e da justiça em que se firmam, mas como os direitos em que esses argumentos se fundam não são segredos nem monopolio do governo, cremos bem que qualquer governo procederia do mesmo modo, e que procedendo assim não fazia mais que o seu dever.

Era este proceder correcto que o paiz desejava vêr seguido em todos os actos do governo, e quando assim se praticasse, não haveriam receios que outra fórma do governo ganhasse proselitos e podesse triumphar no meio da sociedade portugueza.

Nunca observamos tamanha preocupação pela republica em Portugal como parece ser a que assoberba o governo portuguez actualmente, e no entanto as idéas republicanas hoje não tem mais importancia entre nós do que em 1873, quando no reino visinho se proclamou a republica; mas é que então estava á frente do governo um homem cujo tato politico não se póde medir com o que hoje desempenha egual encargo, e d'aqui resulta essa triste questão que se ventilla na imprensa sobre se o governo deve ou não deve pôr em pratica medidas de repressão.

Nós só entendemos uma coisa e é que, o governo o que deve é governar, se poder, se tem a força moral sufficiente para o fazer, pelos actos da sua gerencia, pela sua conducta limpa, pelos seus exemplos de moralidade.

Se, porém, não sente a consciencia tranquilla, e pensa em dominar só pela força, aconselhamos-lhe a que volva as suas vistas para quarenta annos atraz, e veja o que aconteceu a um hercules que se chamava Costa Cabral.

E nada de mais importante se tem descutido n'estes ultimos dias, na politica interna, que possa interessar o leitor.

João Verdades

RESENHA NOTICIOSA

Academia Real das Sciencias — Reuniu na noite de 5 do corrente a assemblea geral para a eleição dos corpos academicos. Compareceram os srs. dr. Thomaz de Carvalho, vice-presidente, Pinheiro Chagas servindo de secretario, Bocage, Nery Delegado, Motta Pegado, José Horta, Silva Amado, Schiappa Monteiro, Frederico Oom, Conde de Valenças, Couto Monteiro, Bulhão Pato, Antonio Serpa, Palmeirim, Theophilo Braga, Silveira da Motta, Teixeira de Aragão, Carlos Bocage, Antonio Maria Barboza, Conde de Ficalho, Gaspar Gomes. O sr. Vilhena Barboza enviou uma carta participando estar doente.

Foi recebido um officio do sr. dr. Antonio Candido, acceitando a nomeação da Academia para fazer o elogio academico de El-Rei D. Luiz.

O sr. vice-presidente propoz para que a Academia dirigisse uma mensagem a El-Rei D. Carlos, manifestando quanto seria agradavel á mesma Academia que Sua Magestade assignasse a presidencia vaga pela morte de El-Rei D. Luiz. Esta proposta foi votada por acclamação.

Procedeu-se depois á eleição, ficando eleitos para 1890, os seguintes socios:

Vice-presidente, Thomaz Ribeiro; secretario geral, Latino Coelho; inspector da Bibliotheca, Vilhena Barboza; thesoureiro Motta Pegado.

Pelo sr. Antonio de Serpa foi offerecido um exemplar do livro. *Les origines de la Revolotion Française au commencemente du XVI siecle* por Mr. M. la Claviére.

Real Gymnasio Club Portuguez. — Celebrou em a noite de 7 do corrente uma sessão de magnetismo o Real Gymnasio Club Portuguez. As esperiencias e explicações foram feitas pelo sr. dr. A. Beraud. Foi uma sessão muito interessante para a qual recebemos convite que agradecemos.

Retratos de El-Rei D. Carlos. — Foram encarregados de pintar os retratos de El-Rei que devem figurar nas salas da camara dos pares, na dos deputados e na do supremo tribunal de justiça os seguintes artistas:

O sr. Felix da Costa, o retrato para a Camara dos Pares; o sr Antonio Ramalho o retrato para a Camara dos Deputados; e o sr. Condeixa o retrato para o Supremo Tribunal de Justiça.

O PALACIO IMPERIAL DE PETROPOLIS, onde foi intimado ao Imperador D. Pedro a sua deposição

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Relatorio *dos actos da direcção da Associação Commercial do Porto, no anno de 1888, apresentado á assembléa geral em sessão de 28 de agosto de 1889, sendo 1.º secretario* John H. Andresen Junior. Porto. Um grosso volume que fornece dados estatisticos muito importantes sobre o commercio da praça do Porto e muito especialmente o de vinhos, inserindo além d'isto toda a correspondencia, actas, etc., com respeito á questão dos vinhos que ultimamente se levantou entre os negociantes do Porto que protestaram contra a companhia dos vinhos creada pelo governo.

Encontra-se tambem n'este relatorio o nome dos expositores premiados na Exposição de Paris etc.

A Formosa Conspiradora por P. Zacone, traducção de Cunha e Sá, illustrado com chromo-litographias e gravuras. Companhia Nacional Editora Lisboa. 4.º e 5.º volumes d'este bello romance que conclue.

Estudos Indianos e Africanos, por Francisco de Assis Clemente, bacharel formado na faculdade de Direito pela universidade de Coimbra, socio da Sociedade de Geographia de Lisboa, da de Geographia Commercial do Porto, juiz de Direito da comarca de Inhambane. Com um preambulo do Dr. Candido de Figueiredo. Lisboa, 1889. Um pequeno volume de 90 paginas, mas importante pelo assumpto de que trata, o tornar conhecida, sob o ponto de vista scientifico a parte do mundo que se denomina Africa e India, sob o dominio de Portugal.

Nada mais patriotico que este trabalho do sr. dr. Clemente, do que trazer o seu contigente para o estudo dos povos que, não obstante estarem sob o dominio dos portuguezes, tão pouco são conhecidos por elles. Os *Estudos Indianos e Africanos*, são dignos da attenção de quantos andam hoje interessados nas nossas coisas coloniaes.

Adolpho, Modesto & C.ª — IMPRESSORES